



# à guisa de prefácio

***Maria Elaine Andreoti\****

– Para que lutar? – dizia ele. – Vou com as  
polcas... Viva a polca!  
(Machado de Assis, “Um homem célebre”)

O segundo número da revista *Opiniões* homenageia um dos mais ilustres e citados autores da literatura brasileira: Machado de Assis. Nada mais natural seria, portanto, que ao menos um dos ensaios fosse a ele dedicado. Engano. Para surpresa nossa, contamos com quatro artigos sobre nomes e temas já desbotados do XIX que acabaram nos rendendo um dossiê incidental, intitulado “Páginas recolhidas”: reconsiderações sobre a notoriedade dos dramas de Martins Pena em seu tempo; as paródias literárias como forma de persuasão nas crônicas de Olavo Bilac; o uso da tópica da escravidão em “O navio negreiro” de Castro Alves; e as influências francesas, veladas ou explícitas, na obra de Visconde de

Taunay. Mas teria Machado por isso ficado somente na epígrafe deste editorial e nos títulos das seções?

Chegávamos a lamentar tal descompasso – poderia parecer um descuido –, mas concluímos, por fim, que, malgrado o desinteresse pelos “poucos” e, por extensão, pelos que ainda se ocupam com estes e com a reatualização da crítica, ainda é possível provar que a literatura brasileira é mais complexa do que supomos. O tom da sentença pode parecer amargo (um sintoma machadiano?), mas é apenas uma constatação de que cada vez mais pesquisadores se dedicam a cada vez menos autores e obras, deficiência que se reflete inclusive na grade programática de disciplinas e atividades de extensão de nossos cursos de Letras.

Protestos à parte, é importante esclarecer, no entanto, que a seleção dos textos que compõem a *Opiniões* se baseia em critérios de qualidade e relevância; somente assim uma publicação que dá seus primeiros passos pode fazer jus ao privilégio de *ser pública*. Ainda que haja discordâncias metodológicas e preferências pessoais, não pertencemos a um partido, mas a um campo científico que agrega, antes de excluir, diferentes leituras validadas pela coerência. Desse modo, nos concentramos apenas na escolha de material sério, independentemente dos pontos de vista, do objeto de estudo ou da abordagem analítica; vale a teoria da recepção e a psicanalítica, o viés sociológico e o formal – haja vista a variedade de abordagens. Por exemplo, nossa segunda seção, “Papéis avulsos”, traz uma análise do romance *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós, com base em categorias freudianas; e uma leitura comparada entre contos de Clarice Lispector e Walter Benjamin.

Aproveitando a reflexão sobre como e por que publicar uma revista acadêmica, abrimos nesta edição espaço para registrar uma “Singular ocorrência” aos colegas que não puderam comparecer ao lançamento da *Opiniões* número 1. Na ocasião, promovemos um debate entre estudantes-editores de periódicos de áreas diversas que

rendeu bons apontamentos e provocações acerca dos meandros burocráticos, políticos e práticos da produção e reprodução do conhecimento acadêmico.

Como nem tudo é teoria, “A fenda necessária” apresenta um conto e uma seleção de poemas que revelam algumas das muitas faces da prática literária atual: o cotidiano solitário – a batalha cerebral de um homem contra seres que habitam as paredes e o teto de seu apartamento – e um lirismo construído por jogos de palavras e sentidos ingênuos e desconcertantes.

Bastaria parar na sinopse para não atrapalhar o leitor com prescrições, mantendo a linha de um autêntico “prólogo ao leitor”, mas o complexo processo de escolha dos textos encaminhados à seção de artísticos suscitou algumas indagações: é necessário publicá-los? Alguém vai ler? Uma revista de crítica literária deve apenas torná-los públicos? Ainda podemos chamar a produção escrita contemporânea de literatura? E, afinal, quem responderá a isso se alguns de nós, críticos literários sem padrão nem jabá, preferem se manter alheios a ela? Quem fará o prólogo ao autor?

Àqueles que se interessarem pelo questionamento, trazemos ao final desta edição uma análise feita no calor da hora sobre a escrita na atualidade, tentando superar o dilema do espectador que também é ator em seu tempo. Esperamos realmente que dela surjam novos apontamentos e contribuições futuras, invertendo procedimentos imobilizantes tanto da prática literária como da crítica.